2010 • ISSN 1519-1095

revista Literal

escola de psicanálise de campinas

PSICANÁLISE E OS OUTROS SABERES

13

Literal, Campinas, (13): 11-19, 2010

A criação da Psicanálise e a invenção de um Psicanalista

Márcio Mariguela
Psicanalista e Professor de Filosofia
Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP
mmariguela@gmail.com

Na carta de 06/03/1968 endereçada a Michel Foucault, Jacques Lacan escreveu: "Estimado Foucault, Isto não é um cachimbo... Adoro isso". Lacan leu o artigo de Foucault, publicado em *Les cahiers du chemin*, em 15/01/1968, e ficou encantado com a bela homenagem prestada por Foucault ao pintor Renné Magritte – recém falecido. Na carta citada, prosseguiu: "Falei de você (não de seu nome) no meu Seminário de hoje. O que disse no Seminário é que falava de você sem nomeá-lo". Lacan falou de Foucault aos seus ouvintes sem nomeá-lo. Ao chegar em casa, escreveu uma epístola para nomear aquele de quem falou em público. Em público, Lacan falou de Foucault como autor que instaurou uma discursividade. Em privado, nomeou seu interlocutor.

Na lição de 06 de março de 1968 do Seminário O *Ato Psicanalítico* (Lacan [1967-1968], 2001, inédito), Lacan convidou seus ouvintes a penetrar no "mistério das relações do universal e do particular". Valendo-se da lógica formal de Aristóteles, estabeleceu um conjunto de enunciados para demonstrar a importância da Lógica dos Quantificadores: saber se dois conjuntos podem ter algo em comum. Essa questão, segundo Lacan, levaria à revisão de toda a teoria matemática.

Nesse momento de sua exposição, falou de Foucault, sem nomeá-lo:

> Pois, afinal, nós podemos muito bem, desde o princípio e sem nos debater em vão, ouso dizer, **como nosso amigo Michel Foucault**, dando a absolvição [cerimônia fúnebre que precede o ofício dos mortos] a um humanismo já há tanto tempo esgotado, que ele se vai com a correnteza sem que ninguém saiba onde chegou, como se isso ainda fosse um problema e como se estivesse aí o essencial da questão relativa ao estruturalismo (...) O sujeito

> não é o homem. Se há alguém que não sabe o que é o homem, são exatamente os psicanalistas (Lacan [1967-1968] seminário inédito. Grifo meu).

O "nosso amigo" foi nomeado e o que Lacan falou sem nomeá-lo? O que não foi nomeado foi o trabalho do pensamento publicado no livro *As palavras e as coisas* (Foucault [1966] 2007). Foucault é o autor de uma obra que contém o trabalho do pensamento. "O que disse no Seminário é que falava de você sem nomeá-lo": foi o Foucault, em sua função autor, que permitiu a Lacan falar dele sem nomeá-lo.

Vejamos o exemplo: no Prefácio de *As palavras e as coisas*, Foucault (*op. cit.*) afirmou que a investigação arqueológica revelou duas grandes descontinuidades na *epistémê* da cultura ocidental: aquela que inaugura a Idade Clássica (por volta dos meados do século XVII) e aquela que, no início do século XIX, marca o limiar de nossa modernidade. É em torno da segunda que emergiram todas as quimeras dos novos humanismos. Contudo,

> é um reconforto e um profundo apaziguamento pensar que o homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra de nosso saber e que desaparecerá desde que este houver encontrado uma nova forma [...]. Nesse limiar apareceu pela primeira vez esta estranha figura do saber que se chama homem e que abriu espaço próprio às ciências humanas (pp.13-14).

Na conclusão, encerrando de forma retumbante, Foucault proclamou, tal como um Zaratustra: "O homem é uma invenção, cuja recente data, a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo" (*idem*, p. 404).

Ao falar de Foucault sem nomeá-lo, Lacan antecipou o impacto que o livro de Foucault causaria no cenário da filosofia fenomenológica existencialista de Sartre e no marxismo militante sustentado pelo Partido Comunista Francês. Didier Eribon (1996), no livro *Michel Foucault e seus contemporâneos*, destacou as críticas de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e dos militantes da esquerda ao livro de Foucault: "As revistas comunistas – com notável exceção de *Lettres Françaises*, denunciaram o livro de Foucault como um manifesto reacionário que, negando a história e a historicidade, servia aos 'interesses da burguesia'".

O homem é uma invenção, disse Foucault.
O sujeito não é o homem, disse Lacan.

Numa entrevista concedida a Moriaki Watanabe em 22/04/1978, intitulada "La scène de la philosophie", Foucault alinhou o nome de Lacan aos de Bataille, Blanchot e Klossowski, para dizer que eles foram "os primeiros a colocar o tema do sujeito como problema fundamental da filosofia, permitindo assim, ao pensamento francês, escapar à tirania do sujeito cartesiano e da dialética hegeliana" (*apud* Eribon 1996, p. 147).

Disse ainda que:

> eles foram os primeiros a mostrar o problema do sujeito como problema fundamental para a filosofia e para o pensamento moderno. Lacan observou que Sartre nunca admitiu o inconsciente no sentido freudiano. A idéia de que o sujeito não é a forma fundamental e originária, mas forma-se a partir de um certo número de processos, que, estes, não são da ordem da subjetividade, mas de uma ordem evidentemente muito difícil de nomear e mostrar, porém mais fundamental e mais originária do que o próprio sujeito, não emergia. O sujeito tem uma gênese, o sujeito não é originário. Ora, quem disse isso? Freud, certamente, mais foi preciso que Lacan o mostrasse claramente. Daí a importância de Lacan" (*idem, ibidem*).

No artigo "Foucault, Lacan: La lección de las Meninas", a psicanalista Mayette Viltard (1999) considerou que não se poderia falar de diálogo entre Lacan e Foucault. Isto porque, cada um persegue sua própria trajetória, sua própria aventura em reinscrever as relações entre sujeito e verdade. No entanto, a autora considerou que as respectivas obras, contemporâneas de um mesmo cenário histórico, tiveram muitos pontos de concordância e recíprocas dificuldades de transmissão. Embora concorde com a posição da autora, no que diz respeito às singularidades do percurso de cada um, aposto na possibilidade de um diálogo transversal que permita recusar e escapar da querela sobre dívidas e influências. E um dos pontos desta transversalidade é a genealogia da psicanálise.

Jean Allouch (2007) soube capturar esse aspecto, ao tomar para si a pergunta lançada por Michel Foucault no Curso A *Hermenêutica do Sujeito*, ministrado no Collége de France em 1982 (Foucault [1982] 2004): A *psicanálise é um exercício espiritual*? Allouch formulou uma resposta, na qual

reconheço um trabalho decisivo para reinscrever a psicanálise no campo da ética, e como conseqüência, pensar nas implicações disso para a invenção de um psicanalista, incluindo o problema da sublimação: Não é chegado o tempo de desprender a psicanálise da função *psi*, lugar em que ela está atolada, reivindicando a possibilidade de uma terapêutica não-psicológica, de uma terapêutica espiritual, tal como a espiritualidade na antiguidade clássica? A espiritualidade foi um exercício ético do cuidado de si e, retornar a este princípio determinante da experiência, permite interrogar o psicanalista num aspecto fundamental de sua formação: o lugar que ocupa na cultura.

> Até o presente, o psicanalista, ele o aprendeu com Foucault, permaneceu cego sobre o que fazia, sobre o próprio lugar que ocupava na cultura. O nome oculto de sua disciplina não é "psycanálise", mas sim, "spycanálise", nome que retira o "psy" e o substitui por "spy" de "spirituel" (no qual mantenho o 'y' que sinaliza que o lugar do psicanalista é uma borda) (Allouch 2007, p. 47).

Qual a pergunta que Foucault lançou como homenagem a Jacques Lacan, que acabara de falecer? Vou contextualizar a formulação da pergunta. Na segunda hora da aula de abertura do Curso A *Hermenêutica do Sujeito* (*op. cit.*, 06/01/1982), Foucault afirmou que o marxismo e a psicanálise, como formas de saber moderno, não permitem qualquer assimilação religiosa. Todos os que seguiram esta via foram capturados pela moral. Em contrapartida, para manter a psicanálise no campo da ética, era preciso reconhecer o que está no cerne dessas duas experiências de saber na modernidade:

> Por razões totalmente diferentes, mas com efeitos relativamente homólogos, no marxismo e na psicanálise, o problema a respeito do que se passa com o ser do sujeito (do que deve ser o ser do sujeito para que ele tenha acesso à verdade) e a conseqüente questão acerca do que pode ser transformado no sujeito pelo fato de ter acesso à verdade, estas duas questões, repito, absolutamente características da espiritualidade, serão por nós reencontradas no cerne mesmo destes saberes ou, em todo caso, de ponta a ponta em ambos" (Foucault [1982] 2004, p. 39).

Não se trata de afirmar que a psicanálise e o marxismo são formas de espiritualidade. Mas sim de reconhecer que nestas formas de saber

> reencontramos as questões, as interrogações, as exigências que, a meu ver – sob um olhar histórico de dois milênios – são as muito velhas e fundamentais questões da *epiméleia heutoû* (o cuidado de si) e, portanto, da espiritualidade como condição de acesso à verdade" (*idem, ibidem*).

O que ocorreu, historicamente, é que essas questões fundamentais, que atravessam a psicanálise de ponta a ponta, não foram levadas em consideração por aqueles que se dedicaram à prática da psicanálise e pelos que se engajaram no marxismo militante. Não só não as levaram a sério, de forma clara e corajosa, como foram capazes de escamotear as condições de espiritualidade dessas formações de saber. Tentou-se mascarar essas condições sob o abrigo de institucionalização grupal.

> A idéia de uma posição de classe, de efeito de partido, o pertencimento a um grupo, a uma escola, a iniciação, a formação do analista etc., tudo nos remete às questões da condição de formação do sujeito para o acesso à verdade, pensadas, porém, em termos sociais, em termos de organização" (*idem*, p. 40).

O preço pago para manter sob recalque as duas questões apontadas por Foucault é o esquecimento da questão das relações entre verdade e sujeito.

Pensar a formação do analista no recorte histórico da existência da espiritualidade e de suas exigências éticas implica em resgatar *os problemas cruciais para a psicanálise* (aliás, referência implícita ao título do Seminário 12, de Lacan, 1964-1965). É neste contexto expositivo que Foucault destacou todo o interesse e a força das análises de Lacan:

> creio que Lacan foi **o único depois de Freud** a querer recentralizar a questão da psicanálise precisamente nesta questão das relações entre sujeito e verdade. [...] Ele tentou colocar a questão que, historicamente, é propriamente espiritual: a questão do preço que o sujeito tem a pagar para dizer o verdadeiro e a questão do efeito que tem sobre o sujeito o fato de que ele disse, de que pode dizer e disse, a verdade sobre si próprio" (*idem, ibidem*. Grifo meu).

Fazendo ressurgir essa questão, Lacan fez surgir um acontecimento na história da psicanálise e da cultura ocidental. Para Foucault, Lacan reinscreveu a mais velha tradição, a mais velha interrogação, a mais velha inquietude desta *epiméleia heutoû*, que constitui a forma mais geral da

espiritualidade. Desta constatação a pergunta foi lançada. "Pergunta que não me cabe resolver", disse ele, mas que, ao ser formulada, dirigia-se a todos que se denominavam lacanianos:

> é possível, nos próprios termos da psicanálise, isto é, dos efeitos de conhecimento, portanto, colocar a questão das relações do sujeito com a verdade, que – do ponto de vista da espiritualidade, entendida como *epiméleia heutoû* – não pode, por definição, ser colocada nos próprios termos do conhecimento? (*idem*, p. 41).

Quais os efeitos de inserir os problemas da formação do analista e da própria experiência de análise no campo ético do cuidado de si? Observemos, primeiramente, que a pergunta de Foucault é clara ao manter a disjunção entre ciência e verdade. A referência é igualmente clara: a Aula de Abertura do Seminário O *objeto da psicanálise*, ministrado por Lacan na Escola Normal em 1965 –1966. Essa aula foi publicada a partir de estenografia no primeiro número da revista Cahier pour l'Analyse (periódico do Círculo de Epistemologia da ENS), em janeiro de 1966.

Outro aspecto importante: A questão da relação do sujeito com a verdade, do ponto de vista da espiritualidade, só pode ser formulada nos próprios termos da psicanálise. E isso determina o campo de uma experiência que pode ser qualificada de psicanalítica. E nesse campo, um dos problemas cruciais é a sublimação: "um domínio quase reservado no qual os mais audaciosos ousaram tocar, e ainda por cima, não sem manifestar insatisfação" (Lacan ([1959-1960] 1991, p. 112).

Finalizando, indico o modo como o problema da sublimação foi apresentado por Lacan em O *Seminário, livro 7*, A *Ética da Psicanálise* (Lacan, *op. cit.*). Retomando o leme de suas elaborações, após o recolhimento das férias, na aula de 13/01/1960, afirmou que a ética da psicanálise deve "nos levar a um ponto problemático, não apenas da doutrina de Freud, mas do que se pode chamar de nossa responsabilidade de analista" (p.111). Esse ponto que vislumbra apontar no horizonte do seu ensino é o que Freud chama de a sublimação. E com isso Freud efetuou, "como pioneiro das raízes do sentimento ético" (*idem, ibidem*), uma interdição à consciência moral: e "nós que nos encontramos em posição de fornecer uma crítica tão nova quanto às fontes e à incidência

da reflexão ética, estamos, com Freud, na mesma postura feliz no que se refere à face positiva, à elevação espiritual, à escala de valores?" (*idem*, p.112).

Lacan advertiu seus ouvintes para não se deixarem capturar pelo canto da Circe, pela moralista dimensão pastoral que "nunca está ausente da civilização e nunca deixa de se oferecer como um recurso a seu mal-estar" (*idem*, p. 113). Essa dimensão pastoral, que agrupa os praticantes de uma terapêutica e os cuidadores, em geral, que Foucault denominou de *função psi*.

Reinscrever o problema da sublimação no cerne da ética da análise implicava, para Lacan, diagnosticar esse "algo que se apresenta imediatamente com um caráter totalmente particular de maldade, de incidência má – é o sentido da palavra *malvado* [aquele que pratica ou é capaz de praticar a crueldade]" (*idem*, *ibidem*). O ódio de si, "aquele-que-se-pune-a-si-mesmo" (*idem*, p. 114), demonstra o paradoxo da moral. Freud reconheceu que a consciência moral "se manifesta de maneira tanto mais exigente quanto mais é afinada – tanto mais cruel quanto menos, de fato a ofendemos" (*idem*, *ibidem*).

Para escapar das malhas do discurso moral, Lacan situa o problema da sublimação no domínio dos *Triebe* e propôs que traduzíssemos *Trieb* "o mais próximo possível do equívoco" (*idem*, p. 115) e a melhor forma de designá-lo seria como estando à deriva. Para tanto, citou uma definição que Freud apresentou nas *Conferências Introdutórias* (Gesammelte Werke, vol. XI, *apud* Lacan [1959-1960] 1991):

> As pulsões são extraordinariamente plásticas. Elas podem entrar em jogo umas no lugar das outras. Uma pode pegar para si a intensidade das outras. Quando a satisfação de uma é recusada pela realidade, a satisfação de outra pode oferecer-lhe uma completa compensação. Elas se comportam umas em relação às outras como uma rede, como canais comunicantes preenchidos por um líquido" (p.116).

Lacan destacou a metáfora produzida por Freud com a obra fundadora do surrealismo: Os *Vasos Comunicantes*, de Andre Breton. Dada a plasticidade das pulsões, era preciso elucidar o seguinte: o problema da sublimação esbarra com uma determinação *a priori*.

> Nem toda sublimação é possível no indivíduo. No indivíduo [...] encontramo-nos diante de limites. Alguma coisa não pode ser sublimada, há uma exigência libidinal, a exigência de uma certa dose, de certa taxa de satisfação direta, sem o que resultam danos e perturbações graves" (*idem*, pp. 116-117).

Se a sublimação não recobre e não esgota a plasticidade das pulsões, resta um resto que insiste, pelo real, deixando um furo, um buraco para nos advertir que a invenção não pode parar. Um psicanalista não se constitui por uma identidade unária, permanente e imutável. O ato do psicanalista é a própria condição de haver psicanalista como aquilo que só pode ser enunciado de si pelos efeitos descontínuos que o ato instaura. Ocupar a função de analista requer, como *a priori*, suportar ser reduzido a um resto, um dejeto, a um objeto pequeno *a*. O que de real é suportável para o psicanalista inventar-se por seus atos? Que garantias pode dar aquele que só pode ser tendo experimentado a passagem pelo desser? A criação da psicanálise por Freud é um ato instaurador de toda e qualquer possibilidade de um psicanalista se inventar, suportando o suposto saber até sua liquidação no final de uma análise. Lacan advertiu para o seguinte fato: o psicanalista é aquele que instaura o ato psicanalítico, dando sua garantia à transferência. Isso só é possível se ele conseguiu atravessar por sua própria experiência o sujeito suposto saber e ser reduzido assim à função do objeto *a*: "é isso o que se tornou, em uma análise, aquele que fundou essa análise em um ato, a saber, seu próprio psicanalista" (Lacan 1967-1968, seminário inédito).

Referências bibliográficas

ALLOUCH, J. (2007). *La psychanalyse est-elle um exercice spirituel? Réponse à Michel Foucault*. Paris: EPPEL.

BIRMAN, J. (2000). *Entre cuidado de si e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

ERIBON, D. (1996). *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FOUCAULT, M. (1995). "Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho". *In*: RABINOW, P. & DREYFUS, H. (orgs.), *Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____ (1999). "Lacan, o 'Libertador' da Psicanálise". *In*: *Ditos & Escritos I – Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. BARROS DA MOTA, M. (Org.), Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 298-299.

_____ (2001). "Isto não é um cachimbo". *In: Ditos & Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 264-298.

_____ ([1982] 2004). *A Hermenêutica do Sujeito.* São Paulo: Martins Fontes.

_____ (2004). "Uma estética da existência". *In: Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 288-293.

_____ (2007). *As palavras e as Coisas.* Coleção Tópicos. 9ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

LACAN, J. ([1959-1960] 1991). *O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise.* Tradução de Antônio Quinet. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ ([1967-1968] 2001). Seminário 15, *O Ato Psicanalítico* (seminário inédito). Publicação não comercial, exclusiva para circulação interna e uso dos membros da Escola de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre.

RAJCHMAN, J. (1993). *Eros e Verdade – Lacan, Foucault e a questão da ética.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SOUZA, S. C. (2000). *A ética de Michel Foucault: a verdade, o sujeito, a experiência.* Belém-PA: Cejup.

VALLEJO, M. (2006). *Incidencias em el psicoanálisis de la obra de Michel Foucault: prolegómenos a uma arqueologia posible del saber psicoanalitico.* Buenos Aires: Letra Viva.

VILTARD, M. (1999). "Foucault-Lacan: la lección de las Meninas". *In: Litoral 28 – La opacidad sexual II: Lacan-Foucault.* Revista da École Lacanienne de Psychanalyse, Córdoba-Argentina: EDELP, pp.115-161.